



**Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
Centro de Ciências Humanas e Agrárias – CCHA
Departamento de Letras e Humanidades – DLH
Licenciatura Plena em Letras**

GILVANIA DE SOUSA OLIVEIRA

**O SILENCIAMENTO DE CAPITU EM *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE
ASSIS**

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2022**

GILVANIA DE SOUSA OLIVEIRA

O SILENCIAMENTO DE CAPITU EM *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como requisito para a obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48s Oliveira, Gilvania de Sousa.
O silenciamento de Capitu em Dom Casmurro, de Machado de Assis [manuscrito] / Gilvania de Sousa Oliveira. - 2022.
33 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Dom Casmurro. 2. Machismo. 3. Patriarcado. 4. Silenciamento. 5. Capitu. I. Título

21. ed. CDD 401.41

GILVANIA DE SOUSA OLIVEIRA

O SILENCIAMENTO DE CAPITU EM DOM CASMURRO, DE MACHADO DE
ASSIS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Letras e Humanidades da
Universidade Estadual da Paraíba –
Campus IV, como requisito para a
obtenção do título de graduada em
Licenciatura Plena em Letras.

APROVADO EM: 02 de Dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Orientadora- UEPB/CAMPUSIV

Noara Queiroz de Medeiros

Profa. Ma. Noara Queiroz de Medeiros

Examinadora Externa – World University Ecumenical

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira

Examinadora Interna – UEPB/CAMPUSIV

Dedico este trabalho aos meus pais, por todo amor, parceria e investimento em mim, e na minha educação; sem eles nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por me permitir chegar até aqui, e ter me dado forças para continuar.

Aos meus pais, Gildete Clementino de Oliveira Sousa e Josimar Vieira de Sousa, pelo amor e cuidado direcionados a mim, e por serem meu alicerce.

Aos meus amigos da Universidade Estadual da Paraíba, por terem tornado a caminhada mais leve e especial, com o companheirismo que cultivamos ao longo dos cinco anos de curso; vocês se tornaram especiais na minha vida e sempre terão um lugar em meu coração.

Aos meus amigos de Jericó, por sempre acreditarem em mim e na minha capacidade; vocês foram essenciais para que eu pudesse chegar até aqui.

A todos os professores que fizeram parte da minha caminhada acadêmica, cada um foi indispensável e importante.

À minha querida orientadora, Maria Fernandes Andrade Praxedes, por toda paciência, compreensão e empenho.

“Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro,
um governo, ou uma revolução” (Machado de Assis)

RESUMO

O final do século XIX foi marcado por mudanças culturais, políticas, econômicas e sociais. Nesse contexto de transformações, Machado de Assis publica o romance memorialístico *Dom Casmurro* (1899), para provocar uma série de questionamentos a respeito da sociedade da época, especialmente sobre o lugar da mulher num contexto patriarcal e machista. Bentinho, narrador-personagem, se utiliza de um discurso falocêntrico para se apropriar do lugar de fala de todos os personagens da narrativa e, com isso, convencer o leitor sobre um suposto adultério que ele acredita ter sido vítima. A partir dessas questões, este trabalho tem como objetivo abordar a representação da mulher na referida obra, enfatizando o silenciamento de Capitu. Além disso, busca compreender a figuração da personagem feminina, analisando a construção social da mulher a partir do silenciamento da personagem machadiana. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, com uma abordagem qualitativa. Para isto, nos embasamos nas teorias de Butler (2019), Candido (2010), Hirata (2009), dentre outros. O interesse pelo tema abordado se justifica pela necessidade de evidenciar os problemas de gênero marcados pelo patriarcado existente na época de produção da obra de Machado de Assis, para denunciar a condição social da mulher. O resultado da pesquisa evidencia a forma como narrador-personagem manipula o discurso narrativo para criar uma imagem negativa da mulher, por isso ele registra suas memórias só após a morte de Capitu e de outros personagens. Esperamos que essas discussões possam trazer alguma contribuição para os estudos literários, bem como uma reflexão sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade.

Palavras-chave: Dom Casmurro. Machismo. Patriarcado. Silenciamento. Capitu.

ABSTRACT

The end of the 19th century was marked by cultural, political, economic and social changes. In this scenario of transformations, Machado de Assis published the memorialist novel *Dom Casmurro* (1899) to provoke a series of questions about the society of the time, especially about the woman's place in a patriarchal and male chauvinistic context. Bentinho, narrator-character, uses a phallogocentric discourse to take over the place of speech of all characters in the narrative and, in this way, to persuade the reader about an alleged adultery that he believes he was a victim of. Based on these assumptions, this work aims to address the woman's representation in the mentioned work, emphasizing Capitu's silencing. In addition to this, it seeks to understand the female character figuration, analyzing the woman's social construction from Machado's character silencing. From the methodological point of view, this is a bibliographic research with a qualitative approach. For this reason, we based on the theories of Butler (2019), Candido (2010), Hirata (2009), among others. The interest in the addressed subject is advocated by the need to highlight the gender problems stressed by the patriarchy existing at the time of production of Machado de Assis's work in order to denounce the woman's social condition. The research result reveals how the narrator-character manipulates the narrative discourse to create the woman's negative image. In this sense, he registers his memories only after the death of Capitu and of other characters. We hope that these discussions can bring some contribution to the literary studies as well as a reflection on the roles played by men and women in society.

Keywords: Dom Casmurro. Male chauvinism. Patriarchy. Silencing. Capitu.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MACHADO DE ASSIS: DO MORRO PARA O MUNDO	11
2.1 O menino moleque.....	11
2.2 O homem escritor	13
1 O DOM DO CASMURRO.....	15
3.1 Algumas considerações do enredo machadiano	15
3.2 Capitu menina.....	19
3.3 Capitu mulher	22
4. Quem cala não consente - o silêncio de Capitu	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

O romance *Dom Casmurro*, publicado em 1899, é considerado uma obra clássica da literatura do século XIX, uma das mais representativas do conjunto de obras de Machado de Assis, pela forma como o autor trata de questões da época, que perpassam a barreira do tempo e se presentificam na atualidade. Narrado em primeira pessoa, o romance expõe as memórias de Bentinho, narrador-personagem, no qual se retrata suas vivências de infância, quando brincava com Capitu, e as experiências durante a vida adulta, marcada por conflitos religiosos, amorosos, desconfiança e acusações.

Machado de Assis tece uma crítica ao patriarcado imperante no final do século XIX, às diferenças de classes, marcadas pelas relações de patrões e empregados-agregados da família de Bentinho, bem como às formas de construção social da mulher. Com isso, a sociedade da época marginalizava a figura feminina, conferindo à mulher uma condição apenas de dona de casa e de esposa subserviente ao marido, sem direito à voz e à defesa de qualquer tipo de acusação que maculava sua imagem.

O trabalho teve como objetivo abordar a representação da mulher no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, enfatizando o silenciamento da personagem Capitu, proveniente do patriarcado existente no contexto de produção da obra, destacando a predominância do patriarcado na narrativa machadiana e analisando a construção social de Capitu a partir do silêncio da personagem. Para isto, a pesquisa foi embasada nas acepções teóricas de Butler (2019), Candido (2010), Hirata (2009), Moraes (1971) e Pereira (1936).

O trabalho está estruturado da seguinte forma: a primeira parte situa o leitor sobre aspectos da vida e obra de Machado de Assis, atestando a importância desse escritor para a literatura brasileira de todos os tempos. Além disso, enfatizamos o percurso da trajetória do escritor desde sua infância nos bairros cariocas, até a fase adulta, quando se torna o expoente da palavra e da arte, considerado um dos maiores ícones do Realismo no Brasil, com um conjunto de obra de caráter denunciativo e crítica aos costumes da época.

A segunda parte se volta a breves considerações sobre o enredo, apontando a história do romance, estetizada pelo discurso do narrador-personagem. Em seguida, analisamos a configuração da personagem Capitu, de

como é construída sua imagem enquanto menina e mulher, com ênfase no silenciamento da personagem feminina, cujo aspecto contorna toda a narrativa de Bentinho, que tenta persuadir o leitor sobre a “verdade” dos fatos narrados. Contudo, o que se pôde perceber é que se trata de um homem machista, herdeiro do patriarcado vigente no Brasil do século XIX, uma postura que determina a relação de poder e controle do homem sobre a mulher.

No que se refere ainda a essa segunda parte, analisamos o silenciamento da personagem Capitu, expondo os momentos do enredo em que Bentinho faz uso das palavras e falas dos personagens para validar sua versão da história. Para isso, o narrador silencia a mulher, sucumbe o seu direito de voz e de defesa para demonstrar a força do patriarcado da época. Nessa perspectiva, discutimos como a desigualdade de gênero está presente no romance de Machado de Assis, a partir das relações estabelecidas entre Bentinho, figura masculina e autônoma, e Capitu, no papel de mulher “dissimulada” e infiel ao marido.

Diante dessas questões, consideramos que discutir esse tema dentro do romance de Machado de Assis é de grande importância, pois se evidencia os problemas de gênero marcados pelo patriarcado existente na época da produção do romance *Dom Casmurro*, cujo silenciamento é protagonizado pela personagem Capitu, que não tem voz na narrativa, e por isso Bentinho faz todas as insinuações envolvendo um possível triângulo amoroso da esposa.

2 MACHADO DE ASSIS: DO MORRO PARA O MUNDO

“Nas minhas reminiscências de infância, tenho ainda viva a ideia de ter visto quase diariamente a tela a que alude a anedota do cônego e do pintor; lá estava a árvore, atrás da qual o cônego figurava estar escondido para não ser visto de Suzana”. (Machado de Assis, 1860)

2.1 O menino moleque

Sobre a vida de Machado de Assis, há, segundo Lucia Miguel-Pereira (1936, p. 21), muitas informações contraditórias e divergentes. Suas origens, assim como o espírito de escritor, só podem ser compreendidas “nas sombras projetadas por ele sobre sua obra” (1936, p. 16). De acordo com crítica literária, muitos acreditam que ele nasceu na chácara localizada no morro do Livramento, no Rio de Janeiro, porém, pessoas muito próximas e ligadas ao autor,

asseguram “ter sido num sobrado da rua S. Luiz Gonzaga, em São Cristóvão, em 21 de junho de 1839”. De acordo com Lucia Miguel-Pereira:

Em S. Cristóvão ou no Livramento, uma cousa é certa: o lar era dos mais pobres. Francisco José de Assis, pintor de casas e Maria Leopoldina Machado de Assis, lavadeira, eram ambos mulatos, mulatos livres, segundo consta, e, na sua humildade, gente organizada. Casados legitimamente, Joaquim Maria parece ter sido o seu primeiro filho. Tiveram depois outro, uma menina, que morreu cedo. Sobre os antecedentes familiares de Machado de Assis, nada foi possível apurar. Mas essa morte pré-matura da irmã, a relativa infecundidade desse casal de operários que só teve dois filhos, a sua própria doença, permitem imaginar sérios antecedentes mórbidos. (LUCIA MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 26).

Conforme o excerto acima, o menino era de origem humilde, mulato, mas, apesar das condições de pobreza, viveu no seio de uma família estruturada, do ponto de vista da organização familiar. Para Lucia Miguel-Pereira, é possível que a fragilidade da saúde de Machado de Assis, considerado raquítico e franzino, tenha uma relação com a questão hereditária mórbida da família, considerando o problema adverso da fertilidade dos pais e a morte precoce da irmã. Contudo, a saúde precária do menino Machado de Assis, não o impediu de desfrutar das peraltices de moleque no bairro humilde onde fora criado, e por isso “foi um moleque entre muitos outros, um molequinho feio, de camisa de riscado e pés no chão, espiando, curioso, a gente que se aventurava pela Gamboa e as embarcações que atracavam na praia de S. Cristóvão” (LUCIA MIGUEL-PEREIRA, 1936, 27).

A compreensão da pesquisadora acima, é de que “essas cenas da meninice nunca mais se apagaram da sua memória. A Saúde, a Gamboa, S. Cristóvão e os morros adjacentes vivem na sua obra” (LUCIA MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 27). Se o homem está na arte, e esta, por sua vez, está no homem, Lucia Miguel-Pereira defende que, assim como os homens das cavernas de Platão, que só puderam ver os fatos de suas vidas nas sombras projetadas por eles mesmos, a obra machadiana pode ser considerada “o avesso de sua vida, não no sentido de lado oposto, mas precisamente o lado de dentro, inseparável do de fora, condicionado por ele” (Ibidem). Com isso, a obra é uma representação da sociedade porque esta influencia a literatura, conforme se observa nos romances e contos machadianos. No caso específico da obra em

questão, expõe-se o cotidiano do contexto do século XIX, expressos nos discursos narrativos, bem como na configuração e ações dos personagens.

Machado fez seus primeiros estudos em uma escola pública do bairro de São Cristóvão, e acabou tornando-se amigo do padre Silveira Sarmiento; ele o auxiliava nas missas e foi quando começou a se familiarizar com o Latim. Ainda na infância, Machado perdeu a sua mãe, e, após isso, seu pai resolveu sair da chácara onde moravam e foram para São Paulo; algum tempo depois, seu pai acabou se casando novamente, com Maria Inês, em 1854.

Sua madrasta trabalhava com doces em uma escola, e levava o pequeno Machado de Assis para que pudesse assistir a algumas aulas. Segundo Lucia Miguel-Pereira, a sua madrasta ensinou-lhe o pouco que sabia, como as letras e primeiras operações, sendo, além de uma mãe para ele, uma amiga e leitora de suas primeiras publicações.

Durante a noite, Machado ainda frequentava uma padaria para aprender a fazer pão francês. O autor era uma criança muito esforçada e inteligente; além de assistir às aulas, à luz de velas, lia tudo que colocava as mãos, e desde novo, já escrevia suas primeiras poesias. Ainda menino, desenvolveu o interesse pela leitura, que o acompanhou durante sua jornada.

2.2 O homem escritor

Fundador da Academia Brasileira de Letras, primeiro escritor a ocupar uma cadeira na Instituição Literária, em 1897, Joaquim Maria Machado de Assis se preocupava com as questões relacionadas à língua e à literatura no Brasil. De acordo com Lucia Miguel-Pereira (1936, p. 18), “Machado de Assis não foi, como pareceu, um puro intelectual, fazendo de sua vida duas partes: uma para a existência cotidiana, insípida e vaga, outra para as elucubrações do raciocínio”, ele foi, antes de tudo, um ser de carne e osso inserido numa sociedade expressivamente desigual e injusta. Diante das dificuldades dos tempos de moleque, dos desafios na fase adulta, o escritor “foi alguém que viveu, que sofreu, que vibrou, e cuja obra está impregnada da sua humanidade palpitante e rica” (LUCIA MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 19).

As primeiras publicações de Machado de Assis versam sobre a escrita de poemas, dentre eles: “Ela” (1863), “Crisálidas” (1864); de peças teatrais de

caráter cômico, a exemplo de: “O protocolo” e “O caminho da porta”, ambos de (1863); de romances de perspectivas românticas, como *Ressurreição* (1872), *Iaiá Garcia* (1878); e o livro de contos: *Histórias da meia-noite* (1873). A partir disso, embora seja situado, muitas vezes, apenas na tradição realista, o autor iniciou, em 1881, a fase que o projetou como a maior expressão do romance realista no Brasil, com as publicações de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899) e *Esaú e Jacó* (1904).

A qualidade da obra machadiana se deve à curiosidade e ao empenho do autor pela leitura, desde criança, conforme esclarece Lucia Miguel-Pereira (1936, p. 37): “o pequeno leitor atirava-se sofregamente ao volume, ávido de aprender, de saber. Movia-o prazer de se instruir, a sua infatigável curiosidade intelectual, mas também a vontade de ser alguém, de subir, de forçar a mão ao destino”, por isso se debruçava sobre os livros que conseguia emprestado. Como leitor efetivo, foi um exímio estudioso da sociologia, psicologia, antropologia, filosofia, teologia, dentre outras áreas, para mais tarde se tornar uma das maiores referências da literatura brasileira de todos os tempos. Escreveu e publicou diferentes gêneros literários, mas é no romance e no conto que ele se destaca como sagaz e crítico da sociedade do século XIX.

A segunda fase do escritor inicia-se, conforme dito anteriormente, com a publicação do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, considerado um romance psicológico, que trata sobre diferentes temas da natureza humana. De acordo com Moraes (ANO), após a editoração desse livro, Machado de Assis se afastou da sua cidade natal, em virtude de sua enfermidade, a epilepsia, um drama enfrentado pelo escritor ao longo de sua vida, que o fez se recolher na cidade de Friburgo:

Nesse recolhimento compulsório é que Machado de Assis sofreu uma espécie de “revulsão interior”, face a face com a precariedade da vida e da saúde e a fatalidade da morte. Sob o acicate de sua terrível enfermidade - a epilepsia, que por essa época começou mais frequentemente a atormentá-lo modificou completamente seu comportamento e o seu estilo, seu humor, a sua compreensão das coisas e dos homens. Só então deixou de ser o Machadinho [...] para transforma-se no maior escritor brasileiro de todos os tempos (MORAES, 1971, p. 63).

Sobre esses aspectos, Lúcia Miguel-Pereira (1936) assinala que a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, foi editada na Imprensa Nacional, a

empresa na qual Machado de Assis trabalhou como aprendiz de tipografia, quando tinha um pouco mais de vinte anos. Assim, o moleque, o homem de saúde fragilizada e o celebre escritor, se tornou “imortal” para a Língua Portuguesa e para a Literatura do Brasil, cujas obras foram traduzidas em diversos países do mundo. Nesse sentido, se apropriando de um tom sarcástico e irônico, denunciou e criticou a verdade absoluta da ciência, a discriminação e o racismo, além da loucura advinda do poder e os costumes patriarcais. Sobre este último aspecto, podemos notar sua presença no romance *Dom Casmurro*, que será analisado neste trabalho, no qual discutiremos o silenciamento da personagem Capitu diante de um sistema controlado e dominado pelo homem, situado no século XIX.

1 O DOM DO CASMURRO

3.1 Algumas considerações do enredo machadiano

Segundo Moraes (1971), *Dom Casmurro* é a obra prima de Machado de Assis, na qual foi publicada em 1899 pelo livreiro-editor Garnier, e é ainda hoje o seu livro mais lido, considerado um dos maiores da literatura brasileira. É, possivelmente, um dos mais amargos da literatura, em qualquer país, mas o gênero do autor impregnou-o de tal sabedoria, ironia, disfarçada malícia, que acabou se tornando uma das grandes criações literária do Brasil de todos os tempos.

O romance *Dom Casmurro* é narrado em primeira pessoa, por um narrador-personagem, Bento Santiago, conhecido como Bentinho na narrativa. Este retoma as suas memórias de infância e o tempo que passou na rua de Matacavalos, para narrar sua história de amor e aventuras que viveu com Capitolina, a Capitu, personagem central da narrativa. A história se passa no Rio de Janeiro de meados do século XIX, em pleno II Reinado, na qual se fixa os costumes, ambiente, vida familiar e social daquela época, conforme explicita Moraes (1971).

Bentinho narra as suas memórias de quando tinha quinze anos, tempo em que era vizinho de Capitu, uma menina de quatorze anos, filha de Pádua, empregado de uma repartição pública. Bentinho é filho de Dona Glória, uma mulher viúva, abastada, com escravos alugados e proprietária de uma dúzia de

prédios. Após perder o seu primeiro filho, acaba fazendo uma promessa de enviar o próximo filho para o seminário. Bentinho se acostumou com essa ideia religiosa, na qual era incentivada por todos os familiares que o cercava; tios, tias, o agregado José Dias e o padre. No entanto, ao conhecer a linda Capitu, se vão os seus planos de ir ao seminário, e ele passa a rejeitar a ideia idealizada pela mãe, como fica claro no capítulo XXV: “[...] estou pronto a ser o que for do seu agrado, até cocheiro de ônibus. Padre, não. Não posso ser padre. A carreira é bonita, mas não é para mim” (ASSIS, 2019, p.43).

Dessa forma, os dois, Bentinho e Capitu, tentam achar formas para que ele não tenha que realizar essa promessa, mas todos os seus esforços são em vão; e Bentinho, ao notar que irá para o seminário, enfatiza a reação de Capitu com a possível separação, conforme consta no capítulo XXXI: “Capitu preferia tudo ao seminário. Em vez de ficar abatida com a ameaça de larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou-se satisfeita. (ASSIS, 2019, p.50)”. Ele se mostra incomodado com a suposta reação dela, pois, a possibilidade dessa distância entre eles, era para ser motivo de tristeza.

Mas mesmo diante de tudo isso, Bento vai para o seminário, e estando lá, conhece Escobar, como podemos ver no capítulo LVI: “Eis aqui outro seminarista. Chamava-se Ezequiel de Sousa Escobar, era um rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos, como os pés, como a fala, como tudo”. (ASSIS, 2019, p.87). Os dois tornam-se amigos, passam a partilhar momentos, e Bentinho acaba criando um carinho por Escobar durante o tempo que passam juntos, como fica claro no capítulo “segredo por segredo”:

- Escobar, você é meu amigo, eu sou seu amigo também, aqui ao seminário você é a pessoa que mais me tem entrado no coração, e lá fora. A não ser a gente da família, não tenho propriamente um amigo. (ASSIS, 2019, p.113).

Com o passar do tempo, Bentinho acaba se livrando do seminário e vai para a Europa estudar Direito, mas, no decorrer da narrativa, sua mãe acaba falecendo, e ele realiza seu sonho de casar-se com Capitu. Nesse momento, Escobar casa-se com Sancha, amiga da sua esposa, e isso acaba os aproximando e contribuindo para que ambos criem um forte laço de amizade entre os dois casais.

Após o casamento, Bentinho e Capitu, inicialmente, não conseguem ter filhos, pois ela estava com dificuldade para engravidar. Mas, depois de algum tempo, para a alegria da família, ela consegue engravidar, e nasce Ezequiel, o filho que trouxe tanta felicidade ao seu genitor, como fica evidente no capítulo CVIII:

A minha alegria quando ele nasceu, não sei dizê-la; nunca tive igual, nem creio que possa haver idêntica, ou que de longe ou de perto se pareça com ela. Foi uma vertigem e uma loucura. Não cantava na rua por natural vergonha, nem em casa para não afligir Capitu convalescente. (ASSIS, 2019, p.149).

Bentinho, após conseguir realizar o seu desejo de ter um filho, surge com a ideia de Escobar ser o padrinho de seu menino, mas o seu tio Cosme acaba ocupando esse lugar. No entanto, o batizado acaba acontecendo na chácara de seu amigo, onde tudo vai bem, até que Escobar acaba falecendo. Durante o velório do amigo, Bentinho, ao observar a tristeza de Capitu, passa a imaginar e descrevê-la como alguém apaixonada pelo marido de Sancha, e começa a demonstrar indícios de ser alguém ciumento, como fica explícito no capítulo “olhos de ressaca”:

[...] Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas.... As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la, mas o cadáver parece que a retinha também. (ASSIS, 2019, p.167)

A partir desse momento, Bento começa a acreditar em uma suposta traição de sua esposa Capitu com seu amigo Escobar, chegando a pensar que seu filho, na verdade, não seria seu, mas fruto dessa suposta traição. Em dado momento da narrativa, já corroído com tais suposições, chega a tentar suicídio, mas, quando está a ponto de acabar com a própria vida, chega seu filho, momento no qual Bento tenta dar o café envenenado para a criança, como se pode verificar no capítulo “segundo impulso”: “Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei o que senti que me fez recuar”. (2019, p.180)

Desgastado pelas desconfianças, o casamento dos dois não é mais o mesmo, e surge a separação, momento em que filho do casal vai estudar fora e, posteriormente, acontece a morte da personagem Capitu. Pode-se notar que Bentinho possui uma dependência pela sua esposa e estava dominado pelo ciúme, demonstrando ser um homem machista, pois o fato de sua companheira ter uma amizade com Escobar e ficar triste após sua morte, segundo ele, isso não poderia se configurar apenas como uma amizade, e sim, um claro sinal de um caso que ela teria com o seu amigo. Incomodado com isso, o narrador-personagem passa a descrever Capitu como alguém infiel e mentirosa. Sobre isso, Butler (2019) afirma que a dependência radical do sujeito masculino diante do “outro”, o feminino, expõe repetidamente o caráter ilusório de sua autonomia. Diante das considerações da autora, podemos afirmar que esse personagem masculino se vê irritado pelo fato de sua esposa possuir a liberdade de ter outros vínculos, como a amizade com outro homem.

No decorrer da narrativa, fica explícito como todos os fatos, pensamentos e ações da personagem Capitu, são descritos pela voz de Bento, um homem privilegiado, em uma época na qual o patriarcado era dominante e o homem era o centro de tudo. Por isso, ele não só descreve fatos e pensamentos, como também retrata a própria personagem em questão. Podemos destacar isso no capítulo intitulado “As curiosidades de Capitu”:

Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber de tudo. No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha não aprendeu, por exemplo, a fazer renda. (ASSIS, 2019, p. 51).

A cena descreve como Capitu era curiosa, e essa curiosidade é classificada, segundo Bentinho, como uma característica negativa da personagem. Ele diz que as curiosidades da personagem eram de várias espécies, algumas delas não passavam de meras futilidades, e coisas que eram tidas como importantes para a época, como fazer renda, ela não aprendera. Outro momento que é possível observar alguns pontos negativos descritos sobre a personagem, na narrativa, é na famosa passagem em que se discorre sobre os “olhos de ressaca”, de Capitu:

(...) olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me e tragar-me (ASSIS, 2019, p. 85)

Esse momento descreve, além da beleza, um olhar que possui força, como também, os mistérios que existem neles. São os olhos que tem o poder de envolver fortemente, o que possibilita ao leitor chegar à conclusão que mesmo bela, Capitu ainda é esperta e perspicaz. Essas qualidades são notadas por José Dias, personagem agregado na casa de Bento, que a descreve como uma menina oblíqua e um tanto maliciosa, que tenta agradar as pessoas para conseguir vantagens para si. Capitu, mesmo possuindo tantas qualidades, contém uma ausência, presumida pela supressão de voz na narrativa. Sobre essa ausência, Butler considera que:

[...] o “sexo” feminino é um ponto de ausência linguística, a impossibilidade de uma substância gramaticalmente denotada e, conseqüentemente o ponto de vista expõe essa substância como uma ilusão permanente e fundante de um discurso masculinista. (BUTLER, 2019, p.33)

Acerca das considerações da autora e do que foi exposto, podemos concluir que Capitu é muito falada durante toda a obra, mas é evidenciada somente a partir do ponto de vista de um homem machista, que a descreve segundo suas próprias convicções, expondo pontos negativos a seu respeito, na tentativa de convencer o leitor acerca da sua visão sobre a personagem, de acordo com lembranças do passado. Desse modo, é apresentado apenas um ponto de vista durante a narrativa, acontecendo, assim, o silenciamento da voz da personagem feminina Capitu, aspecto que discutiremos mais à frente.

3.2 Capitu menina

Na narrativa, Bento Santiago inicia o romance retomando suas memórias, cujas lembranças fazem referência ao período da infância, momento em que os dois se conheceram. De acordo com Betinho, Capitu e ele foram criados juntos,

por consequência de uma enchente que ocorreu quando eles ainda eram crianças, fato que desencadeou a família de Capitu a perder muita coisa, possibilitando um vínculo forte entre a família de ambos, como destaca-se na passagem do capítulo III:

[...] Capitu fez 14 anos a semana passada; são duas criancolas. Não se esqueça que foram criados juntos, desde aquelas grande enchente, há 10 anos, em que a família Pádua perdeu tanta coisa; daí vieram as nossas relações [...] (ASSIS, 2019, p.12)

A partir dessa convivência, a imagem de Capitu ainda menina, é narrada por Bento, como forma de convencer o leitor que já na infância, eles possuíam algumas intenções, ressaltando como eles eram unidos e tinham uma boa relação. Ele ainda cita brincadeiras que os dois faziam ainda pequenos, quando costumavam brincar de “médico” e as bonecas de Capitu “adoeciam”, momento no qual Bentinho fazia papel de médico cuidando delas, e os dois se divertiam juntos, como é possível notar no capítulo XIII:

[...] Em crianças, fazíamos visita batendo de um lado, e sendo recebidos do outro com muitas mesuras. Quando as bonecas de Capitu adoeciam, o médico era eu. Entrava no quintal dela com um pau debaixo do braço, para imitar o bengalão do Doutor João da Costa, tomava o pulso a doente e pedia-lhe que mostrasse a língua. “É surda, coitada!”- exclamava Capitu. Então eu coçava o queixo, como o doutor, e acabava mandando aplicar-lhe umas sanguessugas ou dar-lhe um vomitório: era a terapêutica habitual do médico. (ASSIS, 2019, p.26)

Nessa passagem, podemos inferir que essa brincadeira de médico, possuía uma simbologia sexual, um interesse de Bento por Capitu. Eles compartilhavam momentos de intimidade e carinho um com o outro, mas essa intimidade, de acordo com ele, muda após Capitu ir para o colégio, pois antes, tudo era “coisa de criança”. Quando Capitu sai do colégio, há um certo distanciamento entre ela e Bentinho, e em decorrência disso, demora um pouco o restabelecimento do contato mais íntimo e das conversas com mais afinidade entre os dois, conforme o fragmento exposto abaixo:

Antes dela ir para o colégio, eram tudo travessuras de criança. Depois que saiu do colégio, é certo que não estabelecemos logo a antiga intimidade, mas esta voltou pouco a pouco; e no último ano era completa [...] Capitu chamava-me as vezes bonito, mocetão, uma flor; outras pegava-me nas mãos para contar-me os dedos. E comecei a recordar esses e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando

ela me passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos. (ASSIS, 2019, p. 24)

Bentinho, além de narrar a infância e brincadeiras entre ele e Capitu, como acabamos de ver, também descreve as características da personagem, ressaltando suas características físicas, que, segundo ele, se tratava de uma menina de 14 anos, alta, forte, com seus cabelos grossos, trançados, uma morena de olhos claros, grandes e uma boca fina, conforme consta no capítulo XIII:

Não podia tirar os olhos daquela criatura de 14 anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma a outra, a moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor, não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos. (ASSIS, 2019, p. 26)

Após ressaltar esses aspectos físicos, Bento expõe como enxergava e se atentava aos detalhes de Capitu, percebendo até os calçados velhos que ela usava. É possível notar, também, que ele a enxergava como uma menina que possuía muita beleza desde criança. Bento, em uma passagem posterior, ainda relata as várias ideias que Capitu possuía, cujas ideias ele considerava atrevidas: “Capitu, aos 14 anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vierem depois, mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos” (ASSIS, 2019, p.35)

Ao descrever essas ideias, ele deixa claro que não as considerava como algo positivo para uma mulher. Ele ainda as descreve como sinuosas e surdas, ideias insolentes, que alcançavam os seus objetivos finais, não de imediato, mas aos poucos. Ao expor esse pensamento, pode-se compreender como ele está construindo um alicerce em torno da narrativa, para convencer o leitor do possível adultério de uma mulher que, segundo ele, já evidenciava sinais de esperteza desde pequena. Bento ainda salienta, em outra passagem, como a jovem era de rápida iniciativa diante das situações, pois quando chega o

momento de ir para o seminário, ela pensa em uma possível solução para impedir essa distância entre os dois, como ele destaca na citação a seguir:

- Que tem José Dias?
- Pode ser um bom empenho.
- Mas se foi ele mesmo que falou...
- Não importa- continuou Capitu- dirá agora outra coisa. Ele gosta muito de você. Não lhe fale acanhado. Tudo é que você não tenha medo, mostre que há de vir a ser dono da casa, mostre que quer e que pode. Dê-lhe bem a entender que não é favor. Faça-lhe também elogios, ele gosta muito de ser elogiado, D. Glória presta-lhe atenção; mas o principal não é isso, é que ele, tendo de servir a você, falará com muito mais calor que outra pessoa' (ASSIS, 2019, p. 35).

Diante disso, podemos inferir que a juventude de Capitu é narrada ao longo de todo romance por Bento, em que este faz uso da palavra para tentar convencer os leitores de um adultério que acreditava ter acontecido. Ele ainda relata que possuía uma boa intimidade com Capitu, desde que ela e a família foram morar com a sua família, e a descreve, no decorrer da narrativa, como uma menina curiosa, esperta e com muitas ideias; uma jovem que pensava, possuía posicionamentos, era astuta. Todas essas características são mencionadas com o objetivo de criar uma imagem negativa de Capitu, na tentativa de legitimar sua versão da história.

A Capitu menina aparece como forte, esperta, sagaz, curiosa e decidida; era capaz de pensar, articular, falar e apontar soluções para os problemas que envolviam sua relação com o amigo Bentinho, sua família e agregados. O narrador-personagem utiliza-se dessa estratégia, de conceder características a Capitu, para, posteriormente, traçar e construir um perfil inverso do universo infantil e juvenil da personagem, pois a personagem adulta, depois de casar-se com Bentinho, é construída à luz do machismo da sociedade da época, representado pelo protagonista masculino do romance *Dom Casmurro*.

3.3 Capitu mulher

Na narrativa do romance *Dom Casmurro*, Bento Santiago descreve as características de Capitu e como ele a enxergava tanto quando menina, quanto como mulher. A imagem da personagem, na sua vida adulta, se inicia quando ela se casa com Bento. Após o casamento e o nascimento de seu filho, Bento

passa a demonstrar, cada vez mais, ser uma pessoa bastante ciumenta, e a possuir uma obsessão em relação a Capitu, como se destaca na passagem a seguir:

Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror e desconfiança. E certo que Capitu gostava de ser vista [...] (ASSIS, 2019, p.156).

Como podemos verificar, após o nascimento do filho, Bentinho se torna um homem cada vez mais ciumento, e passa a demonstrar uma obsessão pela esposa, a ponto de declarar que sente ciúmes de tudo e de qualquer pessoa que possa olhar para ela. Além disso, ele expõe também que tinha muita desconfiança, o que o tornava uma pessoa insegura e reforça o olhar de suspeita que ele tinha em relação a Capitu. Diante disso, podemos reforçar esse fato, quando ele cria uma imagem de Capitu como uma mulher que gostava de ser vista, ou seja, uma mulher que mesmo casada se sentia bem com a atenção de outros homens, isto é, gostava de se exibir, de ser notada e admirada como mulher.

Em uma passagem seguinte, ainda notamos como a sua obsessão por Capitu era nítida: “Capitu era tudo e mais que tudo; não vivia nem trabalhava que não fosse pensando nela. Ao teatro íamos juntos; só me lembra que fosse duas vezes sem ela” (ASSIS, 2019, p.156). Nesse fragmento, podemos fortalecer a ideia de como ele, de fato, estava obcecado e não conseguia parar de pensar ou até mesmo viver sem Capitu, de modo que ela acabou se tornando alvo de toda sua atenção e cuidado excessivo, que não cogitava sair de casa sem a esposa, muito menos deixá-la sozinha em casa.

Além do ciúme obsessivo, ele passa a ter desconfianças em relação a sua esposa, se apropriando do discurso e distanciando cada vez mais Capitu da narrativa, de modo que ela não consiga se defender de suas acusações. Como narrador de suas memórias e das memórias de outrem, ele expõe suas desconfianças em relação a ela: “[...]referi minhas dúvidas a Capitu; ela as desfez com a arte fina que possuía, um jeito, uma graça toda sua, capaz de dissipar as mesmas tristezas do Olímpo”. (ASSIS, 2019, p.158).

Notamos que Bento Santiago, ao descrever que Capitu “desfez” suas dúvidas em relação a ela e a Escobar, com sua “arte fina”, ele utiliza um

mecanismo linguístico a fim de passar uma imagem ao espectador, de que a sua esposa era alguém perspicaz, capaz de se sair bem em qualquer situação de um jeito que só ela tinha, sugerindo a imagem de uma mulher esperta; esperteza essa que é tida como característica negativa, cuja conduta é classificada como desvio de caráter da mulher.

Segundo Candido, “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição [...] e os valores ideológicos contribuem principalmente para o conteúdo [...]” (CANDIDO, 2019. p. 40). Dito isso, podemos perceber como os valores ideológicos do personagem Bento são evidentes ao longo de toda a narrativa, pois ele cria, ao longo de suas lembranças, uma visão pejorativa acerca da imagem de Capitu, proveniente das condições patriarcais do século XIX, época em que o homem era considerado o centro, quem possuía o poder, e a mulher estava à margem, a qual tinha que ser recatada, ou seja, viver para cuidar da casa, marido e dos filhos.

Bentinho apodera-se das palavras várias vezes, para fortalecer as acusações do possível adultério que ele acreditava ter acontecido. Uma passagem marcante sobre esse fato, está no momento em que ele cita a forma como Capitu observava o corpo de Escobar durante o seu velório: [...] “Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la, mas o cadáver parece que a retinha também. (ASSIS, 2019, p.167)”. Podemos perceber, nesse momento, como o narrador-personagem descreve o comportamento de Capitu diante do cadáver de Escobar, a partir do seu discurso memorialista, no qual define o caráter de sua mulher de forma muito leviana, ao compará-la a uma viúva que sufoca o choro para não ser desmascarada.

A intenção do narrador Bentinho é de convencer, se colocar como vítima da própria esposa, característica de um homem possessivo, de mente doentia. O que poderia fazer a mulher diante de tantas acusações? Nada. Absolutamente nada, pois provavelmente não houve tempo para defesa, ou melhor, não haveria espaço para a personagem feminina enfrentar o poder do discurso ou discurso do poder do marido, mesmo se estivesse viva no tempo em que Bentinho rememora o passado.

Além de acreditar na ideia do adultério de sua esposa, o narrador-personagem tem dúvida sobre a verdadeira paternidade de Ezequiel, seu filho com Capitu: “[...] Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez a confusão dela fez-se confissão pura. Este era aquele; havia força alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel. De boca, porém, não confessou nada; repetiu as últimas palavras, puxou do filho e saíram para a missa” (ASSIS, 2019, p.182). Tudo é construído a partir do ponto de vista de Bentinho, Capitu nada disse, mas o silêncio dela figura como uma confissão. De acordo com a concepção do narrador, tudo se revelava pelo olhar da mulher, já que ele é incapaz de oportunizar a esposa o direito de falar, de expressar seus sentimentos e de se defender das incriminações.

Diante do que foi dito acima, podemos compreender como Bento Santiago, ao se apropriar do discurso, e não permitir que Capitu participe dele, cria a imagem de uma esposa infiel, com truques para enganá-lo, pois tinha uma esperteza que era peculiar a ela desde a infância, mas que agora se tornara uma mulher sem caráter, capaz de enganar e cometer o crime de adultério. Diferente da esperteza da Capitu menina, cuja malícia era elaborar estratégia para sair de algumas situações embaraçosas e se dar bem, a Capitu mulher é apontada como uma pessoa má, calculista, capaz de trair e manter isso em segredo, manchando a moral do homem traído. Essa concepção é fruto do patriarcado, do machismo, das relações de poder e controle do homem sobre a mulher.

4. Quem cala não consente - o silêncio de Capitu

Capitolina é uma das representações femininas da obra *Dom Casmurro*, cuja personagem convive em um ambiente no qual se espera que a mulher seja um sujeito obediente às regras, sem questioná-las. Durante a narrativa, não é possível identificar com clareza a voz da personagem Capitu, a sua história é descrita por outro, e esse outro é Bento Santiago, que além de não lhe dar espaço de fala, a constrói de acordo com sua ótica misógina, silenciando a personagem. Além disso, em muitos momentos, ele toma a fala de Capitu para si, como podemos ver no capítulo XLVIII:

(...) Você jura uma coisa? Jura que só há de casar comigo?
 Capitu não hesitou em jurar e até lhe vi as faces vermelhas de prazer.
 Jurou duas vezes e uma terceira:
 - Ainda que você case com outra, cumprirei o meu juramento, não casando nunca.
 -Quer que eu case com outra?
 - Tudo pode ser, Bentinho. Você pode achar outra moça que lhe queira, apaixonar-se por ela e casar. Quem sou eu para você lembrar-se de mim nessa ocasião?
 - Mas eu também juro! Juro, Capitu, juro por Deus nosso senhor que só me casarei com você, basta isso?
 - Devia bastar- disse ela. – Eu não me atrevo a pedir mais. Sim, você jura... Mas juremos por outro modo; juremos que nos havemos de casar um com o outro, haja o que houver. (ASSIS, 2019, p. 76)

Pode-se notar, nessa passagem, que Bento e Capitu estão fazendo a promessa de casarem-se um com outro, e que durante todo o contexto, é Bento quem descreve a sua fala e a de Capitu. Nesse sentido, é possível identificar como o sexo feminino é destituído de seu lugar de fala, principalmente quando se trata de sua defesa ou autodefesa, quando está diante do sexo masculino, ocasionando conseqüentemente o silenciamento da mulher, como também a deixando em uma posição de inferioridade diante do discurso de um homem. Segundo Butler (2019):

A gramática substantiva do gênero, que supõe homens e mulheres, assim como seus atributos de masculino e feminino, é um exemplo de sistema binário a mascarar de fato o discurso unívoco e homogêneo do masculino, o falocentrismo, silenciando o feminino como lugar de uma multiplicidade subversiva. (BUTLER, 2019, p. 46)

A partir das palavras de Butler, é nítido como em *Dom Casmurro* o personagem Bentinho se utiliza de um discurso falocêntrico, para tentar convencer o leitor de um suposto adultério de sua esposa. Para isso, se apropria de suas lembranças do passado para tentar manipular a ausência da narrativa de outros personagens e tornar viável uma visão em que o leitor possa tomar como verdade apenas o seu ponto de vista dos fatos, transformando Capitu em vilã, e a impossibilitando de se defender das insinuações e acusações, como é possível destacar na passagem do capítulo CXXXIX, em que Bento distancia Capitu do discurso narrativo, a fim de convencer o leitor sobre sua verdade:

(...) Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez a confusão dela fez-se confissão pura. Este era aquele; havia força alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel. De boca, porém, não confessou nada; repetiu as últimas palavras, puxou do filho e saíram para a missa (ASSIS, 2019, p.182).

Em outra passagem posterior, ainda é possível notar que Bentinho, mais uma vez, utiliza a linguagem para descrever Capitu de forma negativa: “Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber de tudo. No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha não aprendeu, por exemplo, a fazer renda”. (ASSIS, 2019, p.51). Nesse trecho, podemos entender que ele narra as curiosidades de Capitu como algo desnecessário para uma mulher. Na verdade, na concepção do marido possessivo, a esposa deveria se dedicar às atividades próprias às mulheres da época, como fazer renda, por exemplo; uma clara denúncia machadiana da relação pessoas/linguagem/gênero.

Sobre a relação pessoas/linguagem/gênero, Butler (2019), afirma que Wittig fornece uma crítica alternativa ao mostrar que não é possível significar as pessoas na linguagem sem uma marca de gênero, pois o gênero não somente designa as pessoas, como também as “qualifica”. Com isso, nota-se como o gênero é um fator decisivo na linguagem, e como na época de produção da obra o patriarcado era dominante, em que a versão masculina dos fatos era inquestionável. Nesse sentido, Capitu é produto de um discurso machista, que enxerga a mulher de acordo com uma cultura patriarcal, com valores que a subordina e torna sujeita a um sistema moral, em que ela não detém a palavra, mas é julgada.

Ainda segundo as considerações de Butler (2019), de acordo com Wittig, a linguagem é um instrumento de utensílio que absolutamente não é misógino em suas estruturas, mas em suas aplicações. Com base nisso, podemos afirmar que é isso o que ocorre na obra, pois Bento Santiago se utiliza da linguagem de uma forma que o favoreça, e com isso é possível evidenciar a misoginia, na qual o levou a provocar a ausência do posicionamento da personagem Capitu, como podemos ver na citação a seguir: “Capitu, aos 14 anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vierem depois, mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos” (ASSIS, 2019, p.35).

É possível inferir, nesse momento do romance, a maneira como Bento continua fazendo uso de sua própria percepção para falar sobre Capitu, a distanciando do discurso para descrevê-la de acordo com sua visão, evidenciando as marcas do machismo ao comentar como suas curiosidades são atrevidas, sinuosas e surdas, comportamentos que mulheres não deveriam cultivar, na visão do narrador.

A desigualdade entre homens e mulheres é uma realidade antiga, que abrange as esferas da educação, trabalho e até mesmo a autonomia de seus corpos. Sobre isso, Hirata (1990, p. 82) relata que “uma série de trabalhos feministas denunciam a fabricação de uma diferença hierarquizada dos sexos pela educação e, especialmente, o processo de produção social dos corpos sexuados desde infância”. A referida autora ainda reforça a linha de pensamento com as considerações de Beauvior (1949), que descreve a educação tradicional como algo que limita a atividade e a autonomia das meninas, impedindo-as de se afirmar como “sujeito” da mesma forma que os meninos.

De acordo com as considerações acima, é possível afirmar que as relações de gênero, podem ser uma reprodução de relações de grupos, que são organizadas e legitimadas a partir da dicotomia entre dominantes e dominados, sendo o sexo masculino o dominante, e o feminino, o dominado, no qual o grupo dominante exerce poder e influência em diversos âmbitos, subordinando e condicionando o sexo feminino às exigências e concepções do homem. Dessa maneira, se estabelece na sociedade e sobre as mulheres, o patriarcado que acolhe e configura o homem como um ser superior, que detém o poder. Sobre o patriarcado, Hirata (2009) traz as seguintes contribuições:

Patriarcado é uma palavra muito antiga, que mudou de sentido por volta do fim do século XIX, com as primeiras teorias dos “estágios” da evolução das sociedades humanas, depois novamente no século XX, com a “segunda onda” do feminismo surgida nos anos 70 no Ocidente. Nessa nova acepção feminista, o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim quase sinônimo de “dominação masculina” ou de “opressão das mulheres. (HIRATA, 2009, p.173)

Levando em consideração as palavras da autora, o patriarcado é uma configuração de poder muito antiga, que vem oprimindo as mulheres e se caracteriza, sobretudo, a partir de uma formação social dominante, pois são os

homens que detêm o poder, ocasionando o que a autora acima designa de dominação masculina, um meio de domínio dos homens sobre as mulheres, no qual o homem é considerado o “chefe” da família, ou de sua descendência, enquanto o feminino se configura como um ser inferior, à margem desse poder.

Ademais, o patriarcado é uma instituição arcaica, que surgiu antes do século XIX, ou seja, uma característica marcante na época de produção da obra, em que o machismo era predominante. De acordo com Candido (2010), as normas sociais de um tempo influenciam e denunciam os problemas de uma época, que é justamente o que ocorre no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, no qual o personagem Bentinho é privilegiado por esta forma opressora, de normas sociais, que confere a ele o poder e os mecanismos de se posicionar, descrevendo Capitu de forma depreciativa.

De acordo com Butler, “essa produção do sexo pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que designamos por gênero” (BUTLER, 2019, p.28). Segundo a autora, essa desigualdade de gênero, é uma construção cultural, que influencia, de forma direta, a vida das mulheres, causando ausências linguísticas e as silenciando, de modo que o discurso masculino passa a ser considerado o único discurso com valor e credibilidade, capaz de anular e colocar em dúvida a fala feminina, pois o sexo é um fato que tem forte influência na atribuição de juízos de valores.

Portanto, podemos perceber que Bentinho se beneficia de todas essas esferas de dominação da sua época, para narrar a sua versão de uma história em que apenas ele tem o direito de fala, de modo que, para alicerçar a sua tese, silencia Capitu e a priva de se defender. Como narrador-personagem, ele é dono do discurso; logo, não há qualquer intervenção da fala de Capitu, e mesmo quando ele utiliza o discurso direto para demarcar a fala da personagem, observa-se que, na verdade, trata-se de uma reprodução do narrador, um artifício, talvez, para persuadir o leitor sobre os fatos memorialistas de uma história de amor e traição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade do século XIX era constituída por uma cultura predominantemente patriarcal, que demarcava o lugar de homens e mulheres

nos espaços sociais. A figura masculina, vista historicamente como detentora do poder, tinha controle sobre questões que envolviam aspectos políticos, econômicos e culturais, enquanto a mulher, em uma posição secundária, era considerada como subalterna ao homem, controlada e submissa ao marido, prisioneira, sobretudo, do machismo. É nesse contexto que Machado de Assis publica a obra memorialista *Dom Casmurro*, cujo enredo é centrado na história de Bentinho e Capitu, uma amizade de infância que desencadeia em um romance entre os dois.

Perspicaz e crítico de sua época, Machado de Assis constrói uma narrativa impactante para o período de produção, uma espécie de afronta ao trazer para o enredo uma possível traição da personagem Capitu, esposa de Bentinho, narrador-personagem do romance machadiano. O autor coloca em cheque a honra masculina da época, e isso choca diretamente a elite carioca, que vê na obra uma desonra à moral masculina. Além disso, tal temática se dispunha a provocar algo que pudesse estimular as mulheres à leitura e, conseqüentemente, isso poderia provocar efeitos negativos à conduta feminina.

O lugar da mulher, representando pela personagem feminina em *Dom Casmurro*, simboliza a desigualdade de gênero, colocando homens e mulheres em posição social e cultural distintas. À Capitu, é negado o direito de fala, de defesa, diante das acusações do marido, que traça o perfil de uma mulher leviana, dissimulada e infiel. Toda essa construção é feita sob o ponto de vista do narrador-personagem, que resolve contar suas memórias depois de velho, quando todos os envolvidos no possível adultério já morreram. Dessa forma, Bentinho conta os fatos da forma como lhe convém, e para convencer o leitor sobre a verossimilhança dos fatos narrados, adota uma postura de dono da verdade, pois não há quem questione, conteste seus discursos de acusações.

Atento às construções sociais, Machado de Assis dá voz a um narrador-personagem manipulador do discurso alheio, ou seja, ele se apropria da fala dos outros personagens, que ele julga ser real, para objetivar o discurso e isentar qualquer possibilidade de subjetividade, estratégia necessária à credibilidade de quem narra um fato, principalmente para legitimar o desvio de caráter de Capitu. Dessa forma, silenciá-la faz parte do projeto de um homem visivelmente perturbado, ciumento e possessivo, por isso, não vale a máxima de que “quem

cala consente”, pois não há o posicionamento da mulher que ele acusa de adúltera.

O silêncio imposto à mulher é um instrumento de dominação e poder, a partir do qual Bentinho decide o papel da mulher durante todas as fases de sua existência; a menina criança que deve brincar de boneca, a mulher adulta que precisa ter as habilidades de fazer renda, atividades ligadas a compreensão de que o lugar da mulher é em casa, desenvolvendo atividades domésticas, ligadas ao cuidado dos filhos e a subserviência ao marido, ou a qualquer outra figura masculina do ciclo familiar. Submeter a esse silenciamento é a maior prova da cultural patriarcal, cuja história é marcada pela dominação masculina, na qual elabora e dita as próprias leis.

O direito de igualdade entre os gêneros, masculino e feminino, ainda é bastante discutido na atualidade. Apesar de a Constituição Federal garantir esse direito, ainda vemos o quanto é preciso lutar para que, de fato e de direito, homens e mulheres possam assumir os mesmos espaços sociais, sem discriminação, preconceito e violência. No caso específico da personagem Capitu, há uma violência simbólica, pois, ao ser acusada e não ter o direito de defesa, a sua moralidade é afetada e ela nada pode fazer contra isso. Durante a narrativa criada por Bentinho, ele se coloca como vítima e tenta sensibilizar o leitor de seu estado de degradação moral, na tentativa de se credenciar para acusar e julgar a esposa da suposta traição com o amigo Escobar, colocando em questão a dúvida sobre a paternidade de Ezequiel, o filho que teve com Capitu.

Com isso, a leitura do romance *Dom Casmurro* nos possibilitou perceber o quanto a mulher do século XIX vivia sob o domínio masculino, sem opção de escolha, incapaz de decidir sobre sua vida e seu corpo, muito menos de ter direito à voz, de se inquietar e se posicionar de forma contrária ao pensamento e à conduta machista imperante na época. Bentinho e Capitu é a representação da relação de poder subserviência; ele, enquanto dominador, e ela, na posição de submissa e silenciada.

Assim, esperamos que este trabalho possa despertar para a leitura do romance de Machado de Assis, ampliando as discussões em torno do perfil da personagem Capitu, sobretudo no que diz respeito ao silenciamento imposto pela construção dos comportamentos “veneráveis”, que recusam a igualdade de

direitos e deveres entre homens e mulheres. Além disso, esperamos contribuir para uma reflexão sobre os papéis sociais determinados a esses gêneros, na sociedade atual, a fim de mitigar a distância que separa a figura feminina da figura masculina, nas esferas política, econômica, cultura e social.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 3 edição. São Paulo: ciranda cultural,2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da indentidade**.21 edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2019.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 11 edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul,2010.

HIRATA, Helena. LABORIE, Françoise. DOARÉ, Hélène Le. SENOTIER, Sanièle. **Dicionário Crítico do Feminismo**. 2 edição. São Paulo: UNESP, 2009.

MORAES, Santos. **Heroínas do romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Editôra Expressão e Cultura,1971.

PEREIRA, Lucia Miguel. **Machado de Assis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.